

ESPANTALHOS E O TEMA DA LIBERDADE: O USO DAS ARTES CÊNICAS COMO EMBASAMENTO PARA A LEITURA DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO.

LUIZ ROBERTO ZANOTTI (UFPR).

Resumo

Este estudo tem como objetivo apresentar os resultados obtidos a partir de um olhar investigativo sobre a “falta de interesse” na leitura de filosofia por parte dos alunos de uma escola de ensino médio da rede estadual pública do Paraná. O principal resultado obtido na investigação, foi o fato de que os alunos, acostumados a lerem uma literatura eminentemente “didática”, tinham sérios problemas de interpretação ao se depararem com a leitura filosófica; que com as devidas reservas, pode ser aproximada ao conceito de “literatura aberta” de Wolfgang Iser (1999), uma literatura na qual o leitor é convidado a colocar a serviço da interpretação, todo um acervo que envolve leituras passadas, autores, gênero, estruturas literárias, ou seja, tudo aquilo que leu, rearranjando as informações para interpretar. Dessa forma, cientes que diferentemente da alfabetização, a formação do leitor é uma atividade que nunca acaba e que – como um leitor pode ter prazer naquilo que não se conhece? – decidimos pela estratégia de apresentar para os alunos um vídeo do espetáculo teatral Espantalhos – que trata sobre o trajeto de um espantalho até atingir a liberdade –, para servir como “um pequeno acervo” (embasamento) para a leitura do texto sobre “Sartre e a liberdade” presente no livro Fundamentos da Filosofia, de Gilberto Cotrin. Os resultados, de uma forma geral foram muito interessantes, com os alunos, após assistirem o vídeo, terem preparado (lido) o texto, o que pode ser verificado pelo alto grau de participação, seja através da discussão do tema, seja pela elaboração de redações, que trouxeram pensamentos bem condizentes com a filosofia existencialista de Sartre, tais como: “Às vezes achamos que somos livres, mas como não sabemos realmente o que é ser livre, acabamos nos contentando com a situação sem tentar modificá-la”.

Palavras-chave:

Escola da Ponte, Filosofia, Teatro.

O sábio passa em seu andor

Eu andorinha

Luiz Zanotti

Introdução

Este estudo tem como objetivo apresentar o diagnóstico do problema com a leitura de textos filosóficos no ensino médio e um possível caminho para a sua solução através do uso das artes cênicas como embasamento e incentivo para esta leitura.

A primeira parte tem como objetivo apresentar os resultados de um olhar investigativo lançado no processo de ensino e aprendizagem de filosofia numa escola pública de ensino. A leitura foi trabalhada como um objeto a partir de suas implicações epistemológicas e da relação com outras áreas do conhecimento, tais como, o processo de escolarização, a relação ensino e aprendizagem, os processos de organização e sistematização da ação pedagógica, gestão escolar, psicologia da educação, a distribuição espacial, etc.

Na segunda parte foi elaborado um planejamento para uma série de aulas a respeito do tema "Sartre e a Liberdade", assunto presente no currículo da disciplina de filosofia, levando em conta os resultados obtidos na investigação. Dessa forma, a partir do diagnóstico realizado utilizamos alguns conceitos de leitura presentes na obra de Wolfgang Iser (1979) buscando uma forma de corrigir alguns aspectos que consideramos como deficiências em nossa observação a respeito do incentivo à leitura.

Finalmente, apresentamos uma breve conclusão, que obviamente tem apenas um caráter informativo, sobre os resultados obtidos na utilização destes conceitos de leitura utilizados.

1. Investigação pedagógica

1.1. Sobre a Instituição

A Instituição de ensino analisada é uma das mais antigas da capital paranaense, chegando a ser considerada uma escola modelo no ensino médio e profissionalizante. O seu corpo discente é constituído de seis mil alunos divididos em três períodos e o seu corpo docente é constituído por cerca de duzentos professores, em sua maioria, licenciado nas mais diversas disciplinas, mas possuindo também alguns mestres e doutores.

O ingresso para a 1ª série do Ensino Médio é feito através de um teste classificatório, de acordo com o número de vagas disponíveis e análise curricular para os demais, o que garante um bom e homogêneo nível estudantil dos alunos.

A escola possui uma biblioteca muito moderna e bem equipada, que elabora projetos de incentivo a escrita literária e também oferece aos seus alunos e à comunidade atividades em diversas áreas tais como artes, línguas, esportes, etc.

Na parte de ensino o colégio promove simpósios de capacitação para seus professores, constituídos como um espaço de encontro de caráter presencial com os seguintes objetivos:

- a criação de condições para a atualização de conhecimentos e sistematização das discussões sobre a prática docente, mediante a interação dos agentes desse conhecimento: palestrantes, mediadores e professores, com vistas a melhoria na qualidade da educação;
- o aprofundamento da discussão sobre as diretrizes curriculares e propostas pedagógicas de cada nível, modalidade e/ou área do conhecimento, e;
- a sistematização dos conhecimentos decorrentes das discussões realizadas, como forma de proporcionar em toda a rede educacional a possibilidade de leitura e de re-discussão da produção dos simpósios na instância escolar.

1.2. Sobre o ensino e leitura de Filosofia

Em nosso trabalho investigativo, para nos aproximarmos do cotidiano da escola, no intuito de recolher informações para futuramente organizá-las e interpretá-las, nós

assistimos a uma série de aulas de Filosofia para uma turma da segunda série do ensino médio constituída de trinta e cinco alunos. O conteúdo da série de aulas versava sobre a filosofia política de Maquiavel, baseada no livro *Fundamentos da filosofia*, de Gilberto Cotrin (2000).

Na primeira aula desta série, o professor, logo após a chamada, argüiu a turma sobre o que eles achavam sobre política; várias respostas foram dadas dentro do contexto da época, fazendo relações principalmente com a corrupção.

Quase no final da aula, o professor anotou os dados biográficos do filósofo no quadro negro, o situou em seu tempo e numa atitude de incentivo à leitura e reflexão colocou três questões para que os alunos as preparassem para a próxima aula, a saber:

1. Qual a relação entre ética e política para Maquiavel?
2. Quais são as principais razões da existência do Estado?
3. O que significa autonomia política?

Na segunda aula da série, depois do ritual da chamada, o professor escreveu novamente as questões no quadro negro, argüindo os alunos a respeito das mesmas, obtendo uma participação muito insignificante, com os alunos - na maioria das vezes - aguardando a resposta por parte do professor.

A pouca participação dos alunos foi totalmente contrária às minhas expectativas, pois havia sido relatado por professores de outras disciplinas que esses estudantes "modelo" não só tinham um bom nível de interação nas aulas, como eram afeitos ao hábito de leitura dada a imensa atividade cultural dos mesmos que organizavam vários eventos tais como a feira do livro usado, gibi em ação, feira do artesanato, concurso de fotos etc. Desta forma, ficou a dúvida sobre qual o motivo desses estudantes com um excelente nível intelectual apresentarem dificuldade em se interessar pelo tema, apesar de todo esforço de motivação efetuado pelo professor.

1.3. Diagnóstico

Esta falta de motivação pela leitura e aprendizagem de Filosofia numa escola tão bem estruturada e com um nível de informação surpreendente tanto dos alunos, quanto dos professores, fez cair por terra o meu "pré-conceito" de que a situação do ensino estava deplorável devido a falta de motivação ocasionada por deficiências tais como: salas cheias, professores com baixos salários, pouca qualificação e pesadas cargas horárias, laboratórios e bibliotecas defasados, e em muitos lugares, também a violência.

Assim, ao buscar uma possível causa para esta falta de motivação, o problema me pareceu estar relacionado à necessidade de uma maior reflexão para a leitura da Filosofia pelos alunos, mais acostumados pelo que eu chamo de uma leitura instrumental, ou seja, à leitura com objetivos de preparar para o vestibular ou como a produtora de uma força de trabalho.

Esta leitura instrumental faz com que os alunos sejam direcionados para decorar uma série de regras, fatos e equações, perdendo a possibilidade de tornar a educação mais reflexiva, de modo a possibilitar a transmissão aos jovens de

saberes estratégicos voltados ao desenvolvimento intelectual, e não a uma simples utilidade imediata.

Desta forma, o problema que foi colocado por esta investigação inicial é "por que os alunos não criam interesse pelo estudo da filosofia" e "como" cativar os alunos a "querer aprender", ou seja, evitar aquilo que Nietzsche (1999) em "Schopenhauer como educador" define como o ensino da filosofia que simplesmente apresenta um "sem número" de filósofos e suas teorias, num vôo panorâmico que só serve para desencorajar os jovens a ter opiniões, os fazendo participar de um coro de júbilo por chegarem esplendidamente tão longe e por terem aprendido a odiar a filosofia - uma vez que as provas lhes trazem as idéias mais malucas ao lado das mais difíceis de serem captadas. A crítica à filosofia devia ser se é possível viver segundo ela, numa filosofia da vida e não uma crítica de palavras com palavras, com seus vários sistemas e suas críticas guardados nas cabeças destes intoleráveis filósofos.

Seguindo o pensamento de Nietzsche, ao acompanhar o ensino de filosofia nesta escola, me pareceu que a sua função é somente, como já descrevemos, preparar para uma prova de filosofia do vestibular, sendo que, assim que o aluno passa ou, como diz Nietzsche, escapa da mesma, o jovem se vê aliviado de não ser filósofo e sim cristão e cidadão do Estado, como se a função deste ensino fosse ao invés de conduzir, afastar o cidadão da filosofia.

2. Discussão do motivo do desinteresse ("por que?") e de uma possível caminho (como?).

2.1. Discussão do "por que?" a partir de alguns elementos da teoria dos efeitos de Iser

A teoria dos efeitos de Wolfgang Iser (1979) se apresentou desde o início, como uma possibilidade de nos apontar para uma possível caminho de motivação dos alunos para a leitura e o aprendizado de filosofia. Iser, muito menos que buscar a formulação de um método, está preocupado com a compreensão teórica do processo de leitura no que diz respeito à descrição dos conceitos relativos aos fenômenos perceptivos pelos quais passa o leitor.

Dessa forma, para melhor entendimento da teoria dos efeitos, se faz necessário que façamos um retrospecto sobre o panorama filosófico no qual a teoria de Iser se insere. A filosofia contemporânea tratou de por fim nessa busca de um sentido oculto ao rejeitar o princípio platônico da dualidade essência-aparência, o que ocasionou a impossibilidade de se obter um sentido único para um determinado objeto. Esse princípio que teve vigência através de toda filosofia moderna, da qual, os principais pilares são Descartes, Kant e Hegel, em nenhum momento teve essa relação fundamental apoiada na razão (sujeito-objeto) contestada.

A partir de Nietzsche, ocorre uma mudança radical: cessa a crítica imanente da razão, no âmbito da modernidade, e inicia-se uma crítica externa à razão, dirigida contra a razão, e que contesta a própria modernidade e seus pressupostos. A crítica da modernidade e da razão ocidental prossegue com Heidegger, que vai atribuir um estatuto especial à filosofia que busca o "Ser em suas origens", e dissolvendo de vez essa relação sujeito-objeto.

Tais rupturas trouxeram sérias modificações na forma de se pensar o sujeito desde o Iluminismo: O homem moderno, que até aqui era visto como um sujeito unificado, com uma ancoragem estável no mundo social, tem a sua identidade em

colapso através do deslocamento ou "descentração" do sujeito, acarretando uma perda de um "sentido de si" estável, trazendo conseqüências não só na área da Ciência, mas também nas manifestações artísticas (HALL, 2004, p. 07-46).

Essa fragmentação traz junto consigo a idéia de que a realidade percebida está longe de ser homogênea, e que não é sem razão que o pensamento pós-moderno tenha abandonado as categorias da totalidade e da essência, o que significa que tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada do conhecimento são os dados empíricos; em outras palavras, não existe uma verdade atrás de uma aparência, o que existe é só a aparência.

Segundo Gilvan Fogel (2003),

Afinal, qual o ser, a essência da mesa, da laranja? [...] Atrás das coisas? Além delas? [...] Bem, se a essência de uma coisa está "atrás" ou "além" dela, então a coisa não é mais coisa! Eu corto a laranja, desfaço-a em gomos e não encontro o seu dentro, o seu mais profundo. (p.18-19)

O que Fogel questiona é que, ao se rachar uma mesa, encontra-se serragem, madeira, pedaço de mesa, tudo que já não é mais mesa, ou seja, encontra-se somente superfície: onde é que está a essência, o miolo, o caroço profundo da mesa? O ser das coisas está na sua aparência, no seu modo de ser possível.

Ainda, voltando para o exemplo da laranja, podemos notar a sua grande gama de sentidos pois se, para um botânico, ela é seu nome científico, para o sitiante, é meio de sobrevivência, para os garotos, pode ser uma bola de futebol ou uma arma se arremessada. A verdade é que a laranja não é tão tranqüilamente laranja, não é tão uniforme, e sua identificação depende da perspectiva do observador.

Partindo, dessas premissas, e principalmente da fenomenologia, Iser (1996) vai também dissolver a dualidade essência-aparência, se opondo à uma crítica hermenêutica inocente que objetiva a obra de arte como representação de uma totalidade (verdade universal), o que é magnificamente demonstrado através de sua análise do livro de Henri James, *Figure in the carpet*.

Assim, Iser vai estudar o ato de leitura a partir destes princípios fenomenológicos, afirmando que os atos de apreensão do texto se dão na interação entre o texto e o leitor desprezando os modelos textuais que descrevem apenas um pólo da situação comunicativa.

Segundo Iser (1999):

... o repertório e as estratégias textuais se limitam a esboçar e pré-estruturar o potencial do texto; caberá ao leitor atualizá-lo para construir o objeto estético. A estrutura do texto e a estrutura do ato constituem portanto os dois pólos da situação comunicativa; esta se cumpre à medida que o texto se faz presente no leitor como correlato da consciência. (p. 9)

A partir desta constatação, a transferência do texto freqüentemente objetivada como algo produzido somente pelo texto passa também a considerar certas disposições da consciência, tais como a apreensão e o processamento. Ainda segundo o autor,

Referindo-se a normas e valores, como por exemplo, o comportamento social de seus possíveis leitores, o texto estimula os atos que originam sua compreensão. Se o texto se completa quando o seu sentido é constituído pelo leitor, ele indica o que deve ser produzido; em conseqüência, ele próprio não pode ser o resultado. (ISER, 1999, p. 9)

Com isso, Iser mostra as deficiências das teorias lingüísticas e também as de procedência marxista que evocam a impressão de que um texto, por assim dizer, imprime-se automaticamente na consciência de seus leitores, sugerindo uma rua de mão única do texto para o leitor:

Por esta razão, é preciso descrever o processo da leitura como interação dinâmica entre texto e leitor. Pois os signos lingüísticos do texto, suas estruturas, ganham sua finalidade em razão de sua capacidade de estimular atos, no decorrer dos quais o texto se traduz para a consciência do leitor. (Idem, p. 10)

Dessa forma, os atos estimulados pelo texto saem do controle total do texto originando a criatividade (reflexão) da recepção, fazendo com que o autor e o leitor participem de um jogo que sequer se iniciaria se o texto pretendesse ser algo mais do que uma regra do jogo.

Para tornar essa estrutura intersubjetiva entre a partitura do texto e a capacidade dos leitores passível de descrição, Iser vai se apoiar, como vimos, na fenomenologia da leitura para esclarecer estes atos de apreensão pelos quais o texto se traduz para a consciência do leitor, e aqui parece estar o "Por que?" de nossa questão. Segundo o autor,

... a leitura só se torna um prazer no momento em que nossa produtividade entra em jogo, ou seja, quando os textos nos oferecem a possibilidade de exercer as nossas capacidades. Sem dúvida há limites de tolerância para essa produtividade; eles são ultrapassados quando o autor nos diz tudo claramente ou quando está sendo dito ameaça dissolver-se e tornar-se difuso; neste caso, o tédio e a fadiga representam situações-limite, indicando em princípio o fim de nossa participação. (Idem)

Esta explicação nos mostra a importância do aluno ao se defrontar com o texto filosófico, um texto geralmente aberto a uma série de interpretações - como podemos confirmar nos textos platônicos -, seja munido de ferramentas que o possibilitem a "entrar" no jogo, sem que este texto acabe se tornando uma ameaça e portanto algo a não ser "desejado", obtendo um mínimo de prazer e coerência, evitando ainda o que Humberto Eco chama de super-interpretação. Segundo Eco (1993),

Interpretar um texto significa explicar por que essas palavras podem fazer várias coisas (e não outras) através do modo pelo qual são interpretadas. Mas se Jack, o Estripador, nos dissesse que fez o que fez baseado em sua interpretação do Evangelho segundo São Lucas, suspeito que muitos críticos voltados para o leitor se inclinariam a pensar que ele havia lido São Lucas de uma forma despropositada. (p. 28)

A estrutura textual é composta principalmente pelo repertório, pelas estratégias e pela realização. O repertório é constituído dos sistemas de sentido extra-literários - ou de sua negação - e também da literatura do passado. Assim, o repertório diz respeito às variadas referências do texto, que se apresentam sob diferentes formas: alusões literárias, normas históricas e sociais, dados do contexto cultural, enfim, todo e qualquer tipo de indicador da "realidade extra-textual" que é desprovido da validade que possuía no contexto de referência. Estas escolhas não são arbitrárias, pois a seleção de determinados sistemas de sentido deve ter um motivo para constituir o repertório de um texto ficcional. Sendo assim, o repertório tem um caráter de informação.

As estratégias dizem respeito à organização do material interno que constitui o texto. Elas advêm do trabalho do autor no texto (consciente ou inconscientemente) através da escolha do gênero e suas combinações, das perspectivas textuais (do narrador, do leitor implícito, das personagens, do enredo), da utilização de metáforas, alegorias, aforismos, quebras textuais, neologismos, etc. que vão estabelecer as bases para que o leitor passe pelo efeito (sentido) e conseqüente resposta estética.

A realização se encontra no papel do leitor e consiste na projeção da soma de uma estrutura do texto e de uma estrutura do ato de leitura. A relação estabelecida entre sujeito (leitor) e objeto (discurso ficcional) fundamenta o conceito de leitor implícito: "A concepção do leitor implícito descreve, portanto, um processo de transferência pelo qual as estruturas do texto se traduzem nas experiências do leitor através dos atos de imaginação" (Iser, 1996, p.79).

Um texto precisa representar alguma coisa, e a significação do que é representado existe independentemente de qualquer recepção singular. Por outro lado, pode-se entender que essa significação, que é aparentemente independente de qualquer realização do texto, é em si mesma, uma experiência individual de leitura que tem sido identificada com o texto em si. Assim, o leitor implícito é uma categoria que proporciona o quadro de referências para a diversidade de atualizações históricas e individuais do texto, a fim de que se possa analisar sua peculiaridade.

2.2. Discussão do "como" proceder na aula sobre Sartre e a Liberdade

Uma vez, que com alguma segurança, podemos usar o "por que" sugerido pela teoria de Iser (que nos trouxe como principal resultado a constatação de que os alunos, sem possuírem um repertório adequado acabavam por se defrontar com sérios problemas de motivação - desejo - quando eram convidados a ler e interpretar textos filosóficos), assumimos o "como" através da idéia de uma suplementação de repertório que pudesse auxiliar os estudantes na leitura e interpretação do texto sobre Sartre e a Liberdade.

Esta suplementação se deu através da disponibilização de material que pudesse ser assimilado pelos alunos de uma maneira natural, o que nos levou a apresentar o vídeo de uma peça musical que conta a estória de um espantalho que após ser retirado de um milharal e colocado como parte da decoração de uma vitrine juntamente a outros espantalhos fabricados a partir dele como modelo, vai tentar de todas as formas voltar novamente ao campo, trazendo a tema "liberdade".

A idéia era motivar os alunos a responder a respeito do tema "liberdade" de uma forma espontânea, porém tendo como pano de fundo a liberdade sonhada pelo Espantalho. Ao utilizarmos este recurso, buscamos trazer a filosofia para uma base da realidade - alguém buscando pela liberdade - sem nos afastarmos da abstração presente numa imagem do espantalho, ou seja, homem como um simulacro. Após a exibição do vídeo foi solicitado para que os alunos procurassem ler o texto sobre Sartre e a liberdade usando como "pano de fundo" a peça assistida.

A aula seguinte começou com os alunos se agrupando para escrever uma pequena redação a respeito da relação entre a peça "Espantalhos" e a leitura de Sartre. O resultado se mostrou bastante satisfatório, mostrando que os alunos, de uma forma geral, conseguiram elaborar uma excelente reflexão sobre o vídeo, o que pode ser percebido por frase como: "Às vezes achamos que somos livres, mas como não sabemos realmente o que é ser livre, acabamos nos contentando com a situação sem tentar modificá-la"; "Os espantalhos fabricados não se incomodavam em estarem presos, pois eles não conheciam a liberdade", ou ainda: "O espantalho Visconde apesar de estar encarcerado na vitrine não se acomodou com a situação até conseguir de novo a liberdade".

Esta última afirmação sobre a busca da liberdade pelo espantalho demonstra claramente a reflexão a respeito de certos conceitos de Sartre contidos no texto, tais como o fato de sermos "condenados à liberdade"; ou seja, não há limite para nossa liberdade, exceto o de que "não somos livres para deixarmos de sermos livres".

Para descrever a consciência desta liberdade, Sartre usa o termo "angústia" no sentido de que nós estamos livres porque não podemos confiar em um Deus para justificar nossa ação ou para nos dizer o quê e quem nós somos. Esta angústia como consciência da liberdade de escolha, também foi percebida pelos alunos em geral que notaram a tristeza (que podemos comparar com a angústia) de Visconde ao ser retirado do campo e não saber o que deveria fazer para alcançar a sonhada liberdade.

Enfim, resumindo as várias perspectivas exploradas pelos alunos chegamos juntos a uma conclusão, mesmo que parcial, de que os atos de cada um definem a vida, o homem se compromete, desenha seu próprio retrato e não há mais nada senão esse retrato. Nossas ilusões e imaginações a nosso respeito, sobre o que poderíamos ter sido, são decepções auto-infligidas. Uma pessoa "corajosa" é simplesmente alguém que geralmente age com bravura. Cada ato contribui para nos definir como somos, e em qualquer momento podemos começar a agir de modo diferente e desenhar um retrato diferente de nós mesmos. Há sempre uma possibilidade de mudança, de começar a fazer um tipo diferente de escolha, e o exemplo disso se mostra claramente através do espantalho Visconde que escolheu a sua volta ao campo.

3. Conclusão

Desta forma, os resultados obtidos a partir do olhar investigativo sobre a "falta de interesse" na leitura de Filosofia nos levou a tomar algumas atitudes dentro de uma perspectiva de que a formação do leitor, diferentemente da alfabetização, é uma atividade que nunca acaba, perguntando-nos como é que um leitor pode ter prazer naquilo que não consegue reconhecer. Desse modo, a experiência comunicativa através da obra de arte torna-se real para o leitor que, diante de expectativas não atendidas, passa a compreender que uma nova situação está colocada.

A estratégia adotada de apresentar para os alunos o vídeo da peça como apoio à formação de repertório repercutiu num altíssimo grau de participação, seja através da discussão do tema, seja pela elaboração de redações, que trouxeram pensamentos bem condizentes com a filosofia existencialista de Sartre, e porque não dizer com o próprio exercício do magistério: "Às vezes achamos que somos livres, mas como não sabemos realmente o que é ser livre, acabamos nos contentando com a situação sem tentar modificá-la".

4. Bibliografia

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Editora 34, 2002.

COTRIN, Gilberto. *Fundamentos da filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2000.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ECO, Humberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FOGEL, Gilvan. *Conhecer é criar: Um ensaio a partir de F. Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DPA, 2004.

INGARDEN, Roman. *A obra de arte literária*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1973.

ISER, Wolfgang. "A Interação do Texto com o Leitor". In. : LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo, Ed. 34, 1996.

_____. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético - vol.2*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *Coleção "Os Pensadores"*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

ZANOTTI, Luiz. Espantalhos. Disponível em <http://recantodasletras.uol.com.br/roteirosdeteatro/1661223> em 14 de julho de 2009.